

TEMPO E ASPECTO EM CONSTRUÇÕES MÉDIAS E EM ERGATIVAS*

TENSE AND ASPECT IN MIDDLE AND IN ERGATIVE CONSTRUCTIONS

Morgana Fabiola Cambrussi
Doutoranda em Linguística - UFSC

Resumo

Este artigo intenciona problematizar a categoria Tempo enquanto propriedade diferenciadora de construções médias e ergativas e apresentar uma descrição da categoria Aspecto para essas construções. Dessa forma, serão estudadas: a) a restrição de médias ao presente simples do indicativo – sob pena de se perder a leitura de genericidade para o agente implícito e a leitura de propriedade intrínseca disponível para o tema em posição de sujeito caso a construção se realize em outro Tempo/Modo; b) a interação Aspecto-Tempo envolvida em ambas as formações. Ao fim, conclui-se que médias e ergativas não são distanciadas pelas categorias Tempo e Aspecto; médias não estão restritas à formação no tempo verbal presente e atualizam Aspecto sempre que não realizadas neste Tempo.

Palavras-chave: Construções médias. Construções ergativas. Tempo. Aspecto.

Abstract

This paper aims to discuss ‘tense’ as a differentiating property between middle and ergative constructions and to introduce a description about ‘aspect’ for these constructions. Will be studied: a) the restriction for middles to occur in the simple present – with the possibility of losing their generic interpretation available to the implicit agent and their interpretation of the intrinsic property available to the theme in the subject position in case of that construction be formed in another ‘tense’; b) the interaction ‘tense’/‘aspect’ involved in both formations. Finally, it was concluded that middles and ergatives can not be distinguished by ‘tense’ and ‘aspect’; middles are not restricted to a formation with a simple present verb and these constructions update ‘aspect’ always when they are not formed in this ‘tense’.

Keywords: Middle constructions. Ergative constructions. Tense. Aspect.

1 POR QUE DISCUTIR *TEMPO* E *ASPECTO* EM CONSTRUÇÕES MÉDIAS?

Fortemente referenciada como a característica restritiva que revela as limitadas condições contextuais de ocorrência de médias, a redução dessas construções ao presente simples será problematizada neste artigo. Em seguida, será investigado o Aspecto verbal envolvido em formações médias e em ergativas², em interação com o Tempo. Já de antemão, apresenta-se que a reflexão que se intenciona promover com

* Este artigo é parte integrante da pesquisa de mestrado *Médias e Ergativas: uma construção, dois sentidos* (CAMBRUSSI, 2007), desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

² Para mais informações acerca de *construção média* e *construção ergativa*, consultar Cambrussi (2007).

este trabalho diz respeito à tradicional³ diferenciação entre médias e ergativas, em que as duas construções são consideradas distintas desde seu processo de formação.

O tratamento dispensado neste estudo caminha em direção a uma nova percepção: médias e ergativas não constituem duas construções, cada qual com uma interpretação, tanto em *A toalha secou* (tradicionalmente classificada como ergativa) quanto em *Essa toalha seca fácil* ou *Toalha de algodão seca fácil* (tradicionalmente classificadas como médias) o que se tem é uma construção (sempre ergativa) com dois sentidos – em certos casos há ergativa pura, em outros, há ergativa com realce de propriedade intrínseca do tema e com genericidade disponível para o agente implícito e para o tema quando este está configurado como *SN nu*.

2 TEMPO EM CONSTRUÇÕES MÉDIAS: A PRINCÍPIO, UMA RESTRIÇÃO AO PRESENTE

Afirma-se que construções médias, por seu status atemporal e genérico, são sempre produzidas no presente, por outro lado, construções ergativas podem assumir a forma no pretérito, com interpretação pontual. Fagan (1988) considera que essa é uma saliente diferença entre médias e ergativas, já que, para a autora, médias são tipicamente restritas ao presente simples, despontam para uma interpretação genérica e não descrevem eventos particulares no tempo, justamente o oposto das construções ergativas.

Fagan (1988) avalia que esse comportamento das construções médias não é surpreendente, já que o presente simples é o Tempo utilizado para expressar sentenças atemporais, como é o caso da genérica ilustrada por (01a), retirada de Fagan (1988, p.196):

- (01a) Uma vaca come feno.
- (01b) Uma vaca está comendo feno.
- (01c) Uma vaca comeu feno.

A genericidade de (01a) não se mantém no presente com aspecto durativo de (01b), tampouco no pretérito com aspecto pontual de (01c). Isso permite afirmar que a genericidade é sensível a restrições de Tempo e Aspecto, o que parece reforçar o fato de construções médias não ocorrerem no presente progressivo, no modo imperativo e não possuírem pretérito com interpretação pontual – discussão a que se retornará, criticamente, mais à frente.

Apesar dos fatores convergentes entre estruturas como (01a) e construções médias, a genericidade dessas construções não parece ser da mesma natureza da genericidade de (01a). Em construções médias como (02), que pode ser parafraseada por (03), a genericidade recai sobre o agente implícito e não sobre o sujeito superficial, como ocorre em (01a).

- (02) Esse livro lê facilmente.
- (03) Pessoas, em geral, podem ler esse livro facilmente.

³ Os termos *tradicional* e *tradicionalmente*, quando empregados neste trabalho, nada tem a ver com Gramática Tradicional, como se pode pensar. Dizem respeito a estudos lingüísticos específicos, dedicados ao tópico “médias *versus* ergativas”, a exemplo de Keyser e Roeper (1984) e Fagan (1988).

Apesar disso, há o fato de tanto para médias quanto para sentenças genéricas variadas a genericidade estar ligada ao presente simples. Segundo Reichenbach (1947)⁴, o Tempo presente é estabelecido por uma relação entre três momentos que coincidem: momento de fala, momento de referência e momento do evento (MF=MR=ME), a partir dos quais fica evidente a relação de simultaneidade que há entre o momento de fala e o momento de evento.

No caso de sentenças no presente, mas sem um valor temporal determinado, ou seja, atemporais, a genericidade parece ser favorecida pelo fato de o momento de referência e o momento do evento coincidirem e serem simultâneos ao momento de fala. Poder-se-ia afirmar do seguinte modo: para uma sentença no Tempo presente, seu momento de referência e seu momento de evento serão sempre verdadeiros e simultâneos; independentemente de quando enunciados, coincidirão com o momento de enunciação. Dito dessa forma, parece mais clara a relação que o Tempo presente mantém com a interpretação genérica (favorecendo-a) e porque tende a ser usado para expressá-la, uma vez que construções genéricas são definidas como afirmações verdadeiras a qualquer tempo.

Ainda que não utilize a denominação atemporal nem trate de forma específica das sentenças com interpretação genérica, Reichenbach (1947) sustenta que quando se quer expressar não duração nem repetição, mas uma validade permanente, o Tempo presente é utilizado. Por exemplo, quando se diz que *Dois mais dois são quatro*, o presente marcado na forma “são” expressa que *Dois mais dois são quatro* em qualquer tempo, e isso representa uma outra (nova) função temporal para o presente: marcar generalizações.

Soares (1984)⁵, ao expor as dimensões temporais, divide-as em planos e perspectivas. O Tempo que corresponde ao presente simples do indicativo pertence, nessa divisão, ao plano atual (em que também está o pretérito perfeito), no qual “as ações são vistas num primeiro plano, mais afirmativas, categóricas” (p. 51). Esse plano se opõe ao inatual, no qual, contrariamente, as ações são colocadas em segundo plano e vistas como expressando, geralmente, condições, circunstâncias.

De acordo com essa posição, sentenças médias e ergativas podem estar no mesmo plano atual, diferenciadas apenas por aquelas possuírem a particularidade de o presente exprimir generalidades – Tempo também chamado respectivo ou paralelo, pois contém o ponto de referência (SOARES, 1984, p. 53). Além disso, a perspectiva paralela mostra as ações do presente como cursivas, o que pode ser considerado um valor aspectual secundário (e também pode favorecer as generalizações no Tempo presente) e não propriamente um valor lingüístico – o que será retomado na seção seguinte, destinada às diferenças de aspecto entre sentenças médias e ergativas.

⁴ Ao se referir aos três momentos (momento do evento, momento de fala e momento de referência), Reichenbach propõe uma explicação para o presente real. No caso do presente atemporal, consideram-se, nesta pesquisa, as explicações do autor sem intenção de distinguir entre o momento de fala deste e daquele, tendo em vista a validade permanente de fatos expressos atemporalmente.

⁵ Que se baseia em: COSERIU, E.. Aspect verbal or aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode. IN: DAVID, J.; MARTIN, R. (ORG). **Recherches Linguistiques**. Metz, Centre D'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz, 1980, p. 13-25.

Ainda Soares (1984, p. 71) caracteriza o presente do indicativo por exprimir⁶: (a) uma ação habitual: *Eu acordo às 7h*; (b) característica estável ou permanente do sujeito: *A água ferve a 100°C*; (c) ação que se desenvolve no momento da fala: *Piquet ultrapassa Lauda*; (d) ação que deve se dar em um momento posterior ao da fala (uso figurado): *Amanhã vou a São Paulo*; (e) ação que se desenrola em um tempo que é passado em relação ao momento da fala (outro uso figurado): *Em 1500, o povo português descobre o Brasil*; (f) uma ação com duração considerável, que inclui o passado e o momento de fala: *E o emprego que você procura há um ano?*; (g) ação acabada no mesmo momento em que é nomeada: *Passo!* (jogo de cartas); (h) hipótese, em uma oração subordinada (comum aos usos coloquiais): *Se você faz isso ele vai se sentir no direito de fazer também*; (i) além de ser usado mais tecnicamente em resumos, descrições, marcações para teatro, para repassar instruções ou regras.

Dentre os usos do presente do indicativo acima transcritos, parece estar envolvido na genericidade de sentenças médias apenas (b): característica estável ou permanente do sujeito. Contudo, conforme já se exemplificou anteriormente em (02) e (03), sentenças médias exprimem uma característica intrínseca do objeto temático na posição de sujeito, o que está de acordo com o uso (b) do presente, mas diferem de sentenças genéricas em geral por apresentarem leitura genérica para agente implícito e por não exprimirem genericidade para o objeto temático. Mas não seria difícil encontrar usos como *Cerâmica limpa facilmente* ou *Aipim cozinha melhor na pressão*, nos quais a genericidade parece estar disponível também para o objeto temático e dos quais se poderia dizer:

- I- Para qualquer agente x, se x limpa cerâmica, x o faz facilmente.
- II- Para qualquer x, se x é cerâmica, x é limpo facilmente.
- III- Para qualquer agente x, se x cozinha aipim na pressão, x o faz melhor.
- IV- Para qualquer x, se x é aipim, x é cozido melhor na pressão.

Quando Soares (1984, p. 84) faz referência ao presente atemporal, a preocupação da autora está voltada para os casos de sentenças no presente que expressem não genericidade, mas ações e/ou estados permanentes, como nos exemplos *Talvez ele viva de rendas* e *Talvez ele não enxergue bem*. Por outro lado, sobre o uso atemporal do presente, um estudo que parece estar mais próximo do fenômeno que se pensa estar envolvido na constituição das construções médias é o que se apresenta em Costa (1990). Para esta autora, o presente atemporal é aquele que expressa um fato válido para todos os tempos, como ocorre com as verdades científicas ou axiomas filosóficos. No que diz respeito à categoria Tempo, para a autora, esse é o uso tradicionalmente chamado de gnômico, neutro ou não-marcado – e essa é outra distinção tradicionalmente apresentada entre construções médias e ergativas: estas são sempre marcadas temporalmente.

⁶ O que se apresenta na seqüência é uma relação de funções refletidas na forma verbal do presente, portanto, uma enumeração dos usos do tempo verbal presente. Neste trabalho não se objetiva aprofundar todas as funções que se associam às construções médias, mas apresentá-las com o intuito de propor uma descrição satisfatória da formação destas construções a ponto de fornecer evidências de como os falantes as percebem e as diferenciam (se as diferenciam) das construções ergativas.

3 ASPECTO EM MÉDIAS E EM ERGATIVAS – INTERAÇÃO COM TEMPO

Para iniciar as discussões relativas à categoria aspectual do português, segue a distinção feita por Soares (1984, p. 16-17, grifo da autora) entre as categorias de Tempo e Aspecto:

[...] a noção cronológica contida na categoria verbal Tempo, é relativa. Uma ação é passada, presente ou futura somente em relação a um ponto de referência, que pode ser o momento de fala ou o momento do qual se fala. Em *João escreveu um livro*, *escreveu* indica um fato passado em relação ao momento em que o falante emitiu a frase, e em *João disse que escreveria um livro*, *escreveria* indica um fato futuro em relação ao momento sobre o qual se fala na oração principal.

Com base nessas evidências, a autora classifica Tempo como uma categoria de noção dêitica⁷ (localizadora), ao contrário da categoria de Aspecto (tratada, por Soares, com o termo aspectualidade) que não é dêitica. Soares (1984) afirma, ainda, que para as línguas românicas, entre as quais está o português, a noção aspectual vem depois da de Tempo, comportando-se como um efeito secundário desta; o que justifica a relação de uma categoria com a outra e a dificuldade para diferenciá-las.

Em direção semelhante, Travaglia (1994, p.44) define aspecto como “uma categoria verbal TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases”. Em Costa (1990, p.38)⁸, Aspecto é tratado como uma “categoria lingüística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato.” Assim, Tempo marca uma referência externa, tida em relação ao momento da enunciação, ao passo que o Aspecto marca uma referência ao Tempo interno da ação verbal, englobando noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim, sem relatividade com a enunciação. Poder-se-ia afirmar que o Aspecto refere-se à “maneira como o *Tempo* decorrido dentro dos limites do fato é tratado” (COSTA, 1990, p. 19, grifo nosso).

As divisões que Costa (1990, p.38) apresenta para a categoria de Aspecto são as seguintes: Aspecto perfectivo – fato referido de forma global, sem marcação para as nuances da constituição temporal interna; Aspecto imperfectivo – marca da constituição interna do fato referido. Pode se apresentar como imperfectivo em curso, imperfectivo de fase inicial, imperfectivo de fase intermediária, imperfectivo de fase final, imperfectivo resultativo. Portanto, ao se marcar Aspecto, em português, imperfectiza-se um enunciado. Entretanto, nem sempre ocorre marcação aspectual. Travaglia (1994, p. 103) considera que é possível que não haja noção aspectual presente no enunciado: “[...] neste caso não haverá referência à duração ou às fases da situação, pois a categoria de aspecto não terá sido atualizada”. Travaglia exemplifica essa não atualização de Aspecto com enunciados em Tempo presente e futuro, entre outros casos específicos.

⁷ Há autores que dividem os tempos verbais entre *dêiticos* e *anafóricos*. Dessa maneira, tempos verbais com função puramente localizadora são os ditos dêiticos (como o pretérito perfeito, o presente e o futuro de presente) e tempos que, anaforicamente, remetem a outro tempo verbal são os ditos anafóricos, a exemplo do futuro do pretérito utilizado na citação acima, extraída de Soares (1984). Como essa não é uma discussão central para este trabalho, não será desenvolvida aqui.

⁸ Baseada em: COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

Quando houver atualização da categoria, Costa (1990) assume que um enunciado, para ser aspectualmente marcado, precisa satisfazer às exigências estabelecidas para a imperfectização. São elas: apresentar o traço [+ durativo] e estar no número singular. A primeira exigência corresponde às entidades de segunda ordem *processos*, *atividades* e *estados* e exclui os *atos* e os *acontecimentos* – salvos os casos em que o falante decide tratar *fatos* e *acontecimentos* de traço [-durativo] como [+durativo].

Já quanto à segunda exigência, Costa (1990) explica não se tratar das noções canônicas de número aplicadas aos nomes ou às pessoas do verbo, mas número singular aplicado às ações verbais. É a conhecida diferença que se estabelece entre o par *saltitar* e *saltar*. Enquanto aquele verbo é de número plural (chamado iterativo ou freqüentativo), pois indica a repetição de um ato verbal, este é de número singular (chamado semelfactivo), pois indica apenas um ato verbal. Resumindo, para ser compatível com a imperfectização, o ato verbal deve ser expresso através de uma entidade de segunda ordem (que se situa no tempo, diferente dos *objetos físicos*, os quais são entidades de primeira ordem que se situam no espaço e das *proposições*, entidades de terceira ordem que não são localizáveis no espaço nem no tempo, são abstratas e apenas recebem valor de verdade ou falsidade) com traço [+ durativo] e por um verbo em número singular.

Pode-se notar que, até o momento, se está tratando de construções médias como apenas realizáveis no presente simples do indicativo (sob pena de se perder o caráter genérico) e o uso que se faz do Tempo presente nestas construções foi classificado como atemporal, gnômico ou não-marcado. É necessário, agora, estabelecer como é a aplicação da categoria aspectual para essas construções. Costa (1990, p.35) considera que sentenças construídas no presente gnômico são incompatíveis com a imperfectização, ou seja, o fato expresso pelo verbo é atemporal e referido de maneira global, sem possibilidades de partitura interna.

Como explicação, a autora apresenta duas hipóteses. A primeira delas sustenta que:

afirmações gnômicas são válidas para todos os tempos, não expressam fatos singulares, individualizados, com limites temporais de início e de fim. São portanto fatos que só podem ser expressos no perfectivo, que não podem ter a sua constituição temporal interna delimitada ou muito menos parcializada. (COSTA, 1990, p. 35)

Pela segunda hipótese, complementar à primeira, a autora afirma:

os fatos expressos no Gnômico são do domínio das entidades de terceira ordem, ou seja, são *proposições* que (...) não se localizam no espaço nem se situam no tempo. Como já fartamente tratado aqui, a categoria de Aspecto é pertinente às entidades de segunda ordem, aquelas que têm como referente, como suporte da representação, o tempo físico. (COSTA, 1990, p. 36, grifo da autora)

De fato, o que Costa (1990) expõe hipoteticamente pode funcionar como descrição de sentenças médias como (04), abaixo:

(04) Por que o leite facilmente derrama do recipiente em que se faz ferver?⁹

⁹ Disponível em: http://www.feiradeciencias.com.br/sala02/02_045.asp. Acesso em: 03 out. 2005.

em que para *o leite facilmente derrama* não há validade temporal expressa, trata-se de uma propriedade intrínseca ao objeto e, possivelmente por isso, a ação é realizável a qualquer tempo e não se pode fragmentá-la.

Por essas razões, poder-se-ia assumir que sentenças médias do português são perfectivas, ou seja, são fatos expressos de maneira global, não se imperfectizam. Seguindo também por essa direção, Travaglia (1994, p.48), ao considerar as maneiras como a duração de uma situação pode ser referida, apresenta a forma *ilimitada* como recorrente para se referirem “verdades eternas”, axiomas científicos, provérbios, máximas (a exemplo de *A Terra gira em torno do sol* e *A mocidade busca a mocidade*). Já que o presente gnômico é tratado por muitos autores como atemporal, ou seja, não atualiza a categoria Tempo, por que não pode ser também considerado como não atualizador da categoria aspecto?

Para Travaglia, é possível que construções como *As crianças precisam se alimentar bem*, que, assim como médias, envolvem presente atemporal, não possuam nenhuma noção aspectual. “Neste caso não haverá referência à duração ou às fases da situação, pois a categoria de aspecto não terá sido atualizada” (TRAVAGLIA, 1994, p. 103). Em acordo com o que dizem este autor e Costa (1990) acerca dos usos atemporais de determinadas formas verbais, considerar-se-á neste trabalho que para construções médias no presente gnômico há ausência de marcação da categoria aspecto, que não se atualiza. Entretanto, essa noção se manterá caso seja possível a realização de construções médias em outro Tempo que não o presente ou em perífrases com estar – NDO e ter –DO que formem médias? É possível dizer *Este livro está vendendo bem*, e, ao fazê-lo, expressar a propriedade intrínseca de maneira contínua, referindo-se à progressividade da característica intrínseca ao tema: *vender bem*. Além do mais, é possível que determinadas propriedades sejam legítimas a um tempo e deslegitimadas a outro, sendo assim, *Esse livro vendia bem, hoje não sai do estoque* é, sem dúvida, a expressão de uma propriedade em uma período temporal.

Agora algumas questões aspectuais relacionadas às construções ergativas. Ao considerar que certas línguas possuem variação entre um sistema acusativo e um sistema ergativo, Palmer (1994) avalia que essa variação é determinada por uma categoria gramatical da sentença, como é o caso de divisões determinadas por Tempo e Aspecto. Um exemplo, segundo o autor, ocorre com o Tempo passado e Aspecto perfectivo que, em algumas línguas da Austrália, possuem um sistema ergativo, ao contrário de outros Tempos e Aspectos que possuem sistema acusativo.

Em se tratando do Português, são bastante comuns casos em que verbos ergativos se apresentam no passado com Aspecto perfectivo, como *O barco afundou*. Contudo, o caráter eventivo das construções ergativas as possibilita serem compatíveis com Tempos e Aspectos outros além do passado e do perfectivo – Aspecto que marca interpretação pontual: *Afunda, barco!* e *O barco esteve afundando*¹⁰.

¹⁰ Esses exemplos foram extraídos de Keyser e Roeper (1984). Acredita-se que, ao contrário do que sustentam esses autores, não são manifestações lingüísticas freqüentes e emergem de situações discursivas muito específicas. Em *Afunda, barco!*, não se tem uma ordem: apesar de se apresentar como um imperativo formal, essa sentença expressa uma imprecisão, um desejo ou algo similar.

É bem verdade que tanto o modo imperativo quanto o Aspecto durativo servem lado a lado com o pretérito de Aspecto pontual nas formações ergativas do português (ao contrário de médias que não admitem modo imperativo, pretérito e atualização da categoria aspecto). Entretanto, a preferência de muitos lingüistas (FAGAN, 1988; KEYSER; ROEPER, 1984; BASSAC; BOUILLON, 2002; FELLBAUM; ZRIBI-HERTZ, 1989; RODRIGUES, 1998) é por analisar ergativos em pretérito pontual e aspecto perfectivo. Uma possível justificativa para essa escolha pode ser o fato de, produtivamente, ergativos ocorrerem neste Tempo e Aspecto.

Em uma perspectiva discursiva, Herweg (1991, p. 979) avalia que o uso do aspecto perfectivo geralmente tem o que o autor chama de efeito temático de criação da figura de um texto. Ao contrário, pouco se pode contribuir para o desenvolvimento de uma narrativa a partir de situações descritas em sentenças imperfectivas, por exemplo. Nesse caso, a preferência de escolha pelo Aspecto perfectivo em construções ergativas poderia ser explicada por questões comunicativas – pragmáticas – em que situações descritas no Aspecto perfectivo tornam-se pontuais, claras, mais definidas.

Isso é muito semelhante às razões para construções médias, que não se podem imperfectivizar no presente atemporal, ocorrerem perfectivamente. Conforme Hatav (1993, p. 213), o presente contém um Aspecto simples, pois denota informações contidas no seu momento de referência. Baseando-se em Reichenbach (1947), o autor assume que o Aspecto é uma dimensão temporal que interage com o Tempo. Assim, ao Tempo presente simples corresponde, igualmente, um Aspecto simples que marca uma referência global, sem partitura interna do evento expresso pelo verbo (o imperfectivo corresponderia, nesta análise, ao Aspecto complexo).

Este autor analisa o Aspecto do presente simples como uma função $R = RS$ (em que RS representa momento de fala e de referência). Para Hatav, não só a função RS é definidora do Aspecto simples do presente simples como marca tal aspecto como muito breve, logo, uma sentença como *João ama Maria* é, por razões pragmáticas, interpretada de forma continuada, ainda que seja uma função $R = RS$. Em se tratando das construções médias, como *o leite facilmente derrama*, de (04) acima, há interpretação continuada, seja o Aspecto (se é que se pode afirmar que há atualização de aspecto – hipótese descartada neste trabalho) envolvido tratado como simples ou perfectivo. Contrariamente ao que se apresenta em Hatav, certos usos, que são muito freqüentes para o presente, desafiam o Aspecto muito breve que o autor postula para este Tempo. Ainda que interpretemos construções como *Emanuel gosta de bailes*, *Mateus mora longe do centro* e *Sarah trabalha no supermercado* de maneira continuada, é justamente o caráter de *continuum* que dá às construções interpretação inversa à brevidade. Associadas às razões pragmáticas apontadas por Hatav para a realização da forma lingüística, acredita-se que há também motivações lingüísticas. Por isso, as considerações de Travaglia (1994), Costa (1990) e Soares (1984) parecem mais pertinentes.

4 A GENERICIDADE DE CONSTRUÇÕES MÉDIAS ALÉM DO TEMPO VERBAL PRESENTE

Retomando, Fagan (1988) sustenta que sentenças médias, além de estativas, são restritas ao Tempo presente, sob pena de se perder a genericidade expressa por essas construções se fossem realizadas em outro Tempo. Em análise semelhante, Keyser e Roeper (1984) consideram que há, entre as propriedades que distinguem médias de ergativas, evidências de que as primeiras não ocorrem no pretérito nem na forma progressiva.

Entretanto, o que os exemplos abaixo atestam é que construções médias podem, sem qualquer prejuízo à genericidade da construção, ocorrer em outro Tempo que não o presente, desde que se mantenham as mesmas características da construção no presente – a expressão de uma propriedade atual, mas para outra dada época:

- (05a) **Atualmente**, a roupa lava bem **com sabão industrial**. (média, presente)
- (05b) **Antigamente**, a roupa lavava bem **com sabão de soda**. (média, pretérito)
- (05c) **Antigamente**, aipim cozinhava rápido. (média, pretérito)
- (05d) **Antigamente**, este lápis apontava fácil. (média, pretérito)
- (06a) Esta camisa secava lentamente. (ambígua)
- (06b) **Enquanto esperava**, esta camisa secava lentamente. (ergativa)
- (06c) **Esta camisa secava lentamente**, hoje seca num instante. (média)

Ao contrário do que sustentam Fagan (1988) e Keyser e Roeper (1984), há exemplos em (05) e (06) de médias morfologicamente marcadas no pretérito. Em (05a), expressa-se que *para qualquer agente x, se atualmente x lavar a roupa com sabão industrial, x o fará bem* – esse exemplo ilustra exatamente o que expõem os autores: possui leitura genérica para agente implícito e está no Tempo presente. Mas se pôde observar que o pretérito imperfeito realizado em (05b) não impede a sentença de expressar genericidade para o agente implícito, pois tem como leitura: *para qualquer agente x, se antigamente x lavasse a roupa com sabão de soda, x o faria bem*. Nessa direção também convergem (05c) e (05d), entretanto, (05c) não é idêntica à antecedente e à conseqüente, pois parece expressar genericidade não só para o agente implícito como também para o tema em posição de sujeito. Há, para (05c), duas leituras simultâneas de genericidade: a) *para qualquer agente x, se antigamente x cozinhasse aipim, x o faria rápido*; b) *para qualquer agente x, se x é aipim, antigamente x era cozido rápido/rapidamente*.

O que parece estar envolvido na dupla genericidade de (05c) é a configuração estrutural do *SN tema*. Enquanto em (05b) e em (05d) o tema está configurado na forma de *SN pleno*, em (05c) o tema é um *SN nu*, o que licenciaria a leitura genérica sobre todos os integrantes da classe referenciada pelo tema. Destaca-se que os exemplos (07a-e) abaixo, além de ocorrerem no tempo verbal pretérito, apresentam construções médias que possuem tema com configuração de *SN pleno* e a única possibilidade de leitura genérica se dá para o agente implícito. Isso reforça a afirmação de que é pelo tema em forma de *SN nu* que se licencia a dupla leitura de genericidade¹¹.

¹¹ Para discussões pormenorizadas acerca da genericidade simples ou dupla de construções médias, consultar Cambrussi (2007).

- (07a) Comprou telas, cavaletes, tintas e começou a explorar as possibilidades de que dispunha. Inicialmente, pintava com tinta acrílica à base de água, mas desistiu dessa técnica porque **a tinta secava rápido demais**.¹²
- (07b) Tinha um cara que consertava as minhas pranchas e quando era só tequinhos pequenos ele usava **uma massa cinza que secava bem rápido**, e fazia o serviço direitinho, não sei se era esse tal de POXIPOL. Se for isso, Paulo, pode usar que é o bicho para "pequenos" consertos...¹³
- (07c) ai não sei o que está acontecendo com **o meu PC**antes eu clicava em um arquivo **ele**¹⁴ **abria rápido**.. Mais agora clico em um arquivo ele demora um pouco para abrir ...¹⁵
- (07d) Mas **a portinhola do lado abria fácil**, por dentro, como outro morador explicou com presteza.¹⁶
- (07e) Lembram a Folha de São Paulo. O logotipo (é assim que se diz?) é o mais simples possível: o nome, um traço vermelho e a data. Só. Aqui também era. **A página abria rápido**. Etc. Agora vejam só, tentando ser modernos e webmasterianos, os gerentes do site estão enfeitando a coisa.¹⁷

Voltando às sentenças em (06a-c), é perceptível a ambigüidade presente em (06a) entre uma leitura eventiva e outra estativa. Para a leitura eventiva, tem-se a construção ergativa representada em (06b), já para a leitura estativa, tem-se a média representada em (06c). Nesses exemplos, o que vem à tona é a interferência do tipo de modificador na interpretação da estrutura. No caso de *lentamente*, tanto se pode ter uma orientação para evento quanto para estado. Já modificadores do tipo *bem* e *fácil/facilmente* orientam para leitura estativa e não resultam em construções ambíguas.

Os exemplos abaixo, com os modificadores *bem* (08a-d) e *fácil* (09a-b), ilustram com clareza a leitura estativa para qual orientam. Nesses casos, ainda que se dispensasse o contexto lingüístico de que se dispõe, poder-se-ia perceber que se apresentam estruturas médias construídas no pretérito.

- (08a) **O baú não fechava bem?** Esse Mario Kenji é uma desonra a etnia. Ele nem viu o baú. Deu lance errado. Infelizmente existe usuários irresponsáveis como ele.¹⁸
- (08b) **Das janelas da cozinha**, que eram duas, **só uma fechava bem**; a outra era atada com um pedaço de corda.¹⁹

¹² Disponível em: <<http://www.redesergipedecultura.com.br/ler.asp?id=43&titulo=noticias>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

¹³ Disponível em: <<http://www.windsurfmania.com.br/wsm/disc/dispthre.asp?an=2257&pn=25&ss=TODAS+MENSAGENS>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

¹⁴ Há ambigüidade nesta sentença, pois o pronome anafórico *ele* possui dois antecedentes possíveis. Assume-se que, neste exemplo, o pronome anafórico *ele* retoma *arquivo*, não *PC*. Caso se considerasse a leitura em que o pronome retoma *PC*, a construção seria transitiva com apagamento do objeto, e não média, como foi considerada nesta análise.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.babooforum.com.br/idealbb/view.asp?topicID=282195&pageNo=1>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

¹⁶ Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030309/pri_opi_090303_196.htm>. Acesso em: 21 nov. 2006.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.projetoockham.org/cgi-bin/yabb/YaBB.cgi?board=outros:actionfiltered=display:num=110968>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=588544>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/so.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

- (08c) **A tampa da bateria não fechava bem**, o botão de cima on/off/hold, o disco rígido e o plug dos fones estragavam-se muito facilmente...²⁰
- (08d) **Porta do lado do condutor não fechava bem** (resolvido).²¹
- (09a) **A linha era fina e quebrava fácil** – não havia perigo de um tropeção mais grave.²²
- (09b) É isso aí. Tinha ouvido que **essa peça** (controle de playstation) **quebrava fácil**, e ela quebra mesmo.²³

Por outro lado, a média de (10), que envolve o modificador *rápido*, é dependente do contexto lingüístico em que está para assumir leitura estativa. Caso estivesse em outro contexto, como (11), essa construção cederia lugar à ergativa, com interpretação eventiva:

- (10) Alguns dizem que a crepe nasceu quando uma mulher acidentalmente derramou um pouco **deste mingau** no fogão e percebeu que **ele cozinhava rápido**, era fácil de virar e, principalmente, era delicioso!²⁴
- (11) Enquanto Maria mexia a panela com este mingau, **ele cozinhava rápido**.

Ainda quanto à genericidade de construções médias fora do tempo verbal presente, Rodrigues (1998, p.123) afirma que, para o português do Brasil, é possível que estruturas médias sejam construídas no pretérito imperfeito sem perder a interpretação genérica, mas nessas construções a referência de genericidade se dá no passado. Dessa forma, a autora exemplifica que em *Aqueles canos furavam facilmente* há descrição de uma propriedade indiferente ao tempo, cuja dependência é a existência da entidade *canos*, em questão.

Assim como Rodrigues (1998), assume-se que construções médias mantêm a genericidade e a leitura de propriedade intrínseca do tema tanto no presente quanto no pretérito imperfeito. Mas, diferentemente dessa autora, não se assume que a referência genérica se dá somente no passado. Antes, essa referência expressa pelo menos duas situações distintas: *a*) a referência genérica é anterior ao presente e o exclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e acabada para o presente (*Esta camisa secava bem*, hoje seca mal); *b*) a referência genérica é anterior ao presente, mas o inclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e simultânea ao presente (caso de (10), cuja interpretação de propriedade intrínseca do tema é válida para o passado e para o presente: *cozinhar rápido* é propriedade do mingau de crepe desde sua descoberta até hoje).

Em nota, Rodrigues (1998, p.124) expõe que a ocorrência de construções como *Esses carros estão vendendo bem* pode sugerir que a média no português seja compatível com o presente contínuo sem interpretação de propriedade. Mas, segundo a autora, o caso é que verbos como *vender* formam construções médias e ergativas, estas últimas não possuem interpretação de propriedade, portanto, é justamente pela ausência de marcação

²⁰ Disponível em: <<http://enektor.com/viewthread.php?tid=385&page=1>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

²¹ Disponível em: <http://forum.autohoje.com/topic.asp?ARCHIVE=true&TOPIC_ID=71673>. Acesso em: 21 nov. 2006.

²² Disponível em: <<http://garotasquedizemni.ig.com.br/archives/000559.php>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

²³ Disponível em: <<http://forum.gamesbrasil.com.br/archive/index.php/t-17960.html>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

²⁴ Disponível em: <<http://www.crepequeri.com.br/crepequeri/index.php>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

de propriedade intrínseca do tema que a construção *Esses carros estão vendendo bem* é ergativa, não média.

Entretanto, observa-se que perífrases verbais com *estar –NDO* e *ter –DO* também formam construções médias: a) *O feijão verde está cozinhando fácil*, b) *O feijão verde tem cozinhado fácil*, c) *O feijão verde cozinha fácil*. Tanto a construção no presente simples em c), com configuração média já exemplificada anteriormente, quanto as construções em presente progressivo (as perífrases em *Ia*) e em b)) possuem mesma leitura média. Há, nos três casos, as condições necessárias para formar construção média: tema em posição de sujeito, interpretação de propriedade intrínseca para o tema, agente implícito, genericidade orientada para agente implícito e estatividade.

O que vem à tona é que construções envolvendo perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*, a exemplo de *a*) e *b*) acima, são ambíguas entre uma leitura estativa – média – e uma leitura eventiva – ergativa –, e não essencialmente eventivas (ergativas) como sustenta Rodrigues (1998). Sendo assim, inclui-se o presente progressivo (perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*) entre os Tempos formadores de construções médias, em que a referência genérica é anterior ao presente, mas o inclui.

É interessante explicitar que não só pretérito imperfeito, as perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO* e o presente simples podem servir à formação de construções médias, como pode estar parecendo. Há casos em que os pretéritos perfeito e imperfeito são tomados como equivalentes na descrição de uma mesma situação, principalmente em linguagem utilizada nas situações informais de comunicação:

- (12a) Quando era pequena, minha filha brincava, estudava e fazia muita bagunça.
 (12b) Quando era pequena, minha filha brincou, estudou e fez muita bagunça.

A exemplo do que ocorre nos casos de (12), em que pretérito perfeito e imperfeito têm o mesmo valor, também há possibilidade de se realizar construções médias com pretérito perfeito e aspecto pontual, conforme os exemplos em (13a) e (13c), nos quais os usos do perfeito são equivalentes ao que se descreve através do imperfeito.

- (13a) Essa camisa secou fácil, não seca mais.
 (13b) Essa camisa secava fácil, não seca mais.
 (13c) Livros venderam muito bem, não vendem nada agora.
 (13d) Livros vendiam muito bem, não vendem nada agora.

Em todos esses casos, o que está refletido no tempo verbal, seja no perfeito ou no imperfeito, não é um evento episódico, é, antes, a expressão de uma referência genérica que é anterior ao presente e o exclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e acabada para o presente. Essa análise, referida mais acima, está de acordo com as observações que Rodrigues (1998) fez acerca de médias formadas no pretérito imperfeito, entretanto, afirmou-se neste trabalho a possibilidade de médias no pretérito imperfeito possuírem referência genérica anterior ao presente, incluindo-o, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e simultânea ao presente.

Para essa segunda situação, em que a referência genérica é anterior ao presente e o inclui, parece haver restrições quanto às formações de médias no pretérito pontual,

como a exigência de *sempre* ou expressões que reforcem a generalidade, a exemplo de *desde que me conheço por gente, desde que o mundo é mundo*, entre outros:

(14) Esse aipim sempre cozinhou bem.

(15) Desde que o mundo é mundo, esse corte de seda (sempre) vestiu bem.

Quanto ao Aspecto, em seção anterior, tomou-se emprestado de Travaglia (1994) a noção de não atualização de Aspecto adotada pelo autor para sentenças que expressam “verdades permanentes”, a exemplo das construções médias, pois se considerou que essas construções eram incompatíveis com uso progressivo e que apenas os casos em que ocorriam no presente atemporal – um uso gnômico, portanto – resultavam em boas formações. Como, nesta altura da reflexão, já se mostrou que o Tempo presente não é restrição para a realização de médias e que estas são compatíveis com perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*, cabe discutir se se mantém a noção de não atualização de Aspecto também para os casos em que as construções se apresentam no pretérito imperfeito, no pretérito perfeito com valor de imperfeito e nas perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*.

Como ilustram os exemplos em (13a-d), a categoria aspecto é claramente atualizada tanto para médias com uso do pretérito imperfeito quanto para construções médias com uso do pretérito perfeito. Nos quatro casos, é possível fazer referência à marca de duração da genericidade expressa pela construção. Em (13b) e em (13d), ambas as construções apresentam aspecto *imperfectivo* e *acabado*, relação entre aspectos que Travaglia (1994) aponta como possível para verbos estativos ou atélivos. Se médias imperfectivizadas se comportam de forma semelhante aos verbos de estado (como em *João era professor*) tem-se mais uma evidência de que são estativas. Em (13a) e (13c), também se tem Aspecto *acabado*, mas, desta vez, associado ao *perfectivo*, que marca a situação de forma completa, sem referência a partes, mas ao todo (começo, meio e fim estão englobados).

Retomando os exemplos de (05b-d), a marcação adverbial *antigamente* associada ao verbo no pretérito imperfeito evidencia a imperfectização das construções e relaciona os aspectos *imperfectivo*, *habitual* e *acabado*. Esse realce de aspecto provocado pelo advérbio é comum e, segundo Travaglia (1994, p.272), “não há qualquer dúvida de que os adjuntos adverbiais têm muito a ver com o aspecto”. Em (10), em que não há um advérbio do tipo de *antigamente*, diferentemente de (05b-d), atualiza-se aspecto *imperfectivo*, *habitual* e *começado*, ou seja, *não-acabado*, deixando implícito que a atualização dos aspectos *acabado* e *começado* apresenta fortes relações com a formação adverbial. Em todos os exemplos desta seção em que se tem aspecto *perfectivo* ou *imperfectivo*, as construções médias apresentam também aspecto *habitual*, nos casos de perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO* houve atualização do Aspecto *durativo*, e isso direciona as considerações sobre a atualização da categoria Aspecto nessas construções.

É importante deixar explícito, neste ponto, que em nenhum dos casos de média fora do Tempo presente se perdeu a leitura genérica e de propriedade intrínseca, mas, ao contrário das considerações de Costa (1990, p.35) de que construções genéricas são sempre perfectivas, esses casos mostram que construções genéricas podem ser imperfectivizadas e, ainda, o Aspecto *imperfectivo* pode se combinar com Aspectos outros como *acabado* e *começado*, a exemplo de construções com verbos de estado, e, recursivamente, com Aspecto *habitual*.

5 PARA FINALIZAR

O que emerge desta discussão é que, ao contrário do que sustenta a bibliografia sobre o assunto: *a) médias não estão restritas à formação com verbo no presente, podem ocorrer no pretérito imperfeito, no pretérito perfeito com valor de imperfeito (quando essas formas verbais mantêm as características do enunciado no presente) e em perífrases com estar –NDO e ter –DO; b) atualizam Aspecto quando não estão construídas no presente simples e não o atualizam quando estão no presente simples; c) e, em todas essas possibilidades, não perdem a leitura de realce para a propriedade intrínseca do tema e a genericidade envolvidas na formação da construção.*

Considera-se, portanto, que nada além da genericidade e de seus efeitos sobre as construções médias (propriedade intrínseca para o tema) distinga médias de ergativas. Com base na análise que se fez, afirma-se que nos dois casos (aos quais a literatura chama média e ergativa) o que se tem é o mesmo tipo de construção: uma ergativa, a qual pode se apresentar na função de *ergativa pura*, como em *O feijão cozinhou*, ou na função de *ergativa genérica*, como em *Feijão cozinha fácil/Este feijão cozinha fácil/Feijão verde está cozinhando fácil/Feijão verde cozinhava fácil*.

Ao se assumir que médias são ergativas com genericidade disponível para o agente implícito e, em certos casos, também disponível para o tema que recebe propriedade intrínseca (ergativas com um valor semântico adicional, o da genericidade), elimina-se a alternância média/ergativa e explica-se o fato de certos verbos formadores de uma construção também servirem à formação da outra, à medida que se unem as construções sob um mesmo domínio: o da ergatividade. Isso também esclarece a dificuldade (KEYSER; ROEPER, 1984) para falantes do inglês diferenciarem as duas construções, já que, de acordo com o que se propõe aqui, o que se tem é somente uma construção – apenas a interpretação de genericidade e o realce de propriedade intrínseca resultante dela é que são salientes e podem ser percebidos em ergativas genéricas.

REFERÊNCIAS

BASSAC, C.; BOUILLON, P. Middle Transitive Alternations in English: A Generative Lexicon Approach. **Many Morphologies**. ed. Paul Boucher and Marc Plénat, p. 29–47, 2002.

CAMBRUSSI, M. F. **Médias e Ergativas: uma construção, dois sentidos**. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

COSTA, S. B. **O Aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

FAGAN, S. M. B. The English Middle. **Linguistic Inquiry**. n. 19, p.181–203, 1988.

FELLBAUM, C.; ZRIBI-HERTZ, A. La construction moyenne en français et en anglais: étude de syntaxe et de sémantique comparées. **Recherches Linguistiques**. n. 18, p. 19–55, 1989.

HATAV, G. The aspect system in English: an attempt at a unified analysis. **Linguistics**. vol. 31-2, p. 209-237, p.1993.

HERWEG, M. Perfective and imperfective aspect and the theory of events and states. **Linguistics**. vol. 29-6, p. 969-1010, 1991.

KEYSER, S. J.; ROEPER, T. On the Middle and Ergative Constructions in English. **Linguistic Inquiry**. n. 15, p.381–416, 1984.

PALMER, F. R. **Grammatical roles and relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan, 1947.

RODRIGUES, C.A. **Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil**: um estudo comparativo. 1998. 176 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

SOARES, M. A. **A semântica do aspecto verbal em Russo e em Português**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal do português**: a categoria e sua expressão. 3 ed. Uberlândia: Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.